

NAGASAWA, Ellen Yurika. Resenha de “Formação inicial e continuada de professores de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil”. *ReVEL*. v. 18, n. 35, 2020. [www.revel.inf.br]

**RESENHA DE *FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE*
PROFESSORES DE PORTUGUÊS LÍNGUA
*ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA NO BRASIL***

Ellen Yurika Nagasawa¹

ellennagasawa@gmail.com

Organizado por Matilde Virginia Ricardi Scaramucci e Ana Cecília Cossi Bizon, o livro **Formação inicial e continuada de professores de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil** é apresentado ao leitor como um recorte do panorama de ações de formação docente na área. Publicada pela Editora Letraria, a obra reúne autores das cinco regiões do Brasil, que foram convidados a recuperar memórias e, com seus textos, levam o leitor a refletir sobre o contexto histórico e a situação atual desse campo em nosso país. Em 244 páginas, a obra se apresenta como um largo diálogo no qual as vozes se entrelaçam e tem-se a impressão de se estar vivenciando importantes marcos históricos que sem esta leitura não seria possível. O livro está organizado em duas partes: “Parte I - A formação do professor nas licenciaturas em PLE/PL2”, com quatro capítulos sobre as Instituições de Ensino Superior (IES) com cursos de licenciaturas em Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua (PLE/PL2)² já institucionalizados; e “Parte II - Ações de ensino e de formação do professor em outros programas de PLE/PL2”, com cinco artigos que descrevem outros programas de formação inicial e continuada de professores.

¹ Professora do curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Ainda que ciente das especificidades dos diferentes contextos de ensino do português, neste texto, serão utilizados os termos Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua (PLE/PL2) por comporem o título do livro resenhado e, portanto, não será feita distinção entre os demais termos utilizados pelos autores da publicação, tais como Português Segunda Língua (PSL), Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), Português como Língua de Herança (PLH), Português como Língua de Acolhimento (PLAc), Português como Língua Adicional (PLA) e Português como Língua de Integração (PLI).

O livro não poderia chegar ao leitor em melhor hora, uma vez que coincide com publicações inéditas do governo brasileiro que contribuem para a discussão sobre o ensino de PLE/PL2: o *Documento base do exame Celpe-Bras* (BRASIL, 2020a), publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, que tem Scaramucci como uma das elaboradoras do texto, e a coleção *Propostas curriculares para ensino de português no exterior*, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores e que conta com a colaboração de Bizon no primeiro volume da série (BRASIL, 2020b). A autoria de tais documentos apenas evidencia o percurso de ambas organizadoras do livro como especialistas da área, que formam professores, pesquisam e atuam em diferentes projetos de disseminação de conhecimento do campo de PLE/PL2. Não resta dúvida, portanto, de que, com o lançamento dessa publicação, Scaramucci e Bizon ajudam a consolidar o ano de 2020 como um marco histórico para a área de português como língua não materna no Brasil.

No **Prefácio**, Marilda do Couto Cavalcanti inicia evidenciando o mérito da obra em construir um retrato histórico-didático-curricular da área, no qual os cenários de migrantes, surdos e indígenas de diferentes regiões brasileiras são contemplados. Cavalcanti acertadamente aponta o público-alvo do livro como sendo docentes-pesquisadores e discentes do campo de PLE/PL2 e conclui ressaltando o potencial da área para pesquisas relacionadas ao ensino e à aprendizagem de línguas. Na sequência, a “Apresentação” realizada pelas organizadoras também assinala que as reflexões possibilitadas pelo livro podem contribuir para o desenvolvimento de políticas educacionais e linguísticas com foco em demandas de inserção social de estrangeiros e das comunidades de surdos e de indígenas no contexto brasileiro. Scaramucci e Bizon concluem salientando que, para lidar com tais demandas, faz-se necessário ampliar a institucionalização da área de modo a fortalecer a formação dos professores que desejam atuar nesses diferentes e complexos cenários.

A **Parte I** da obra inicia com o capítulo **A licenciatura em PBSL e o programa de PLE na Universidade de Brasília: histórico, desafios e perspectivas**, de Márcia Niederauer, Ana Adelina Lopo Ramos, Flávia Maia-Pires e Verônica Vinecký. O texto mostra o percurso histórico de criação e institucionalização do primeiro curso de licenciatura em PLE/PL2 do Brasil. Nele, as autoras mencionam a relação da localização geográfica da universidade com a criação das primeiras disciplinas ofertadas em 1988 para a comunidade internacional que tinha a capital brasileira como residência. Uma vez identificada a demanda do ensino de português

também entre povos indígenas e alunos surdos, em 1997, quando a licenciatura é criada, idealiza-se a formação de um profissional com competências diferentes do professor de português como língua materna. A partir dessa perspectiva, as autoras explicam que o objetivo é capacitar o professor para atuar em diferentes contextos nacionais e internacionais, proporcionando a aprendizagem da língua portuguesa sem pretender sobrepor outras línguas e culturas, mas visando, especialmente, à internacionalização do português do Brasil e à inclusão social de minorias linguísticas na sociedade brasileira. Além disso, o capítulo explicita os obstáculos enfrentados para justificar a necessidade de implementação da licenciatura na UnB e os desafios atuais para a valorização do profissional graduado com essa especialidade.

Edleise Mendes assina o segundo capítulo do livro, intitulado **A licenciatura em PLE/PL2 na Universidade Federal da Bahia: formando professores para a diversidade**. Após elaborar uma crítica às iniciativas de formação docente baseadas em uma visão homogênea da sociedade e em referenciais teóricos estruturalistas, a autora tece argumentos a favor de uma formação voltada para a diversidade, que capacite profissionais como agentes difusores do português na qualidade de língua pluricêntrica e de importância global no mundo contemporâneo. Mendes aponta que o curso de licenciatura da UFBA, criado em 2005 e reformulado em 2012, objetiva promover uma formação crítica e culturalmente sensível. Para tanto, a autora destaca que o processo de formação de professores está ancorado na discussão de textos de referência de amplas áreas do conhecimento e na elaboração de projetos de cursos e materiais didáticos, além do desenvolvimento de pesquisas em sala de aula. De grande valia para a reflexão sobre currículos, a autora ainda apresenta a estrutura do curso, descrevendo a composição das 3.124 horas de formação e apontando para a flexibilidade de escolha de componentes optativos na trajetória formativa dos graduandos.

O contexto mais singular entre os apresentados no livro é introduzido ao leitor por Tatiana Pereira Carvalhal em **A licenciatura em PLE na Universidade Federal da Integração Latino-Americana**, o terceiro capítulo do volume. Uma vez que a educação bilíngue português-espanhol constitui um posicionamento político da UNILA, a formação de professores de PLE/PL2 nesta instituição se diferencia das demais. Carvalhal explica ao leitor que a universidade, situada na região fronteiriça Argentina-Brasil-Paraguai e inaugurada em 2010, está voltada para a integração latino-americana e, portanto, tem “Português e Espanhol como Línguas Adicionais”

como conteúdo obrigatório para todos os cursos de graduação. Nesse contexto, a autora relata que a licenciatura em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras, iniciada em 2015, conta com graduandos de diversas nacionalidades do continente americano. Em consonância com a IES, a autora destaca que a formação crítica de professores capazes de atuar no ensino de espanhol no Brasil e de português nos países vizinhos é objetivo do curso, que se propõe a integrar transregionalmente a América Latina por meio de uma educação intercultural. Ainda que tenha foco em questões linguístico-culturais de fronteira, ao apresentar a matriz curricular e as ações que compõem a formação de professores de português na UNILA, a autora contribui para o avanço do diálogo com os demais capítulos.

Já no quarto capítulo, **O PLE na Unicamp: da implantação da área à formação de professores**, Matilde Virginia Ricardi Scaramucci e Ana Cecília Cossi Bizon discorrem sobre o histórico de criação do curso de licenciatura em PLE/PL2, fortemente relacionado ao início da própria IES que, nos anos 1970, contava com um quadro docente composto por muitos estrangeiros. Para ilustrar a longa trajetória da área dentro da Unicamp, Scaramucci e Bizon empreendem uma revisão de inúmeros projetos e amplas ações até a efetiva institucionalização da licenciatura, que teve início em 2017. Ao descrever detalhadamente o percurso histórico e a estrutura curricular da licenciatura da Unicamp, as autoras oportunizam ao leitor uma reflexão sobre a importância da formação interdisciplinar do profissional formado na área. As autoras pontuam, contudo, que, apesar dos avanços já conquistados nesse campo do conhecimento, ainda é necessário investir na consolidação de uma agenda de pesquisa plural e centrada em problemas sociais e na estruturação de políticas linguísticas consistentes, especialmente as voltadas para a profissionalização da área e para a ampliação de licenciaturas no Brasil.

Abrindo a **Parte II** do livro, o quinto capítulo, **A identidade de professor-autor em construção no diálogo entre profissionais mais e menos experientes na UFRGS**, assinado por Margarete Schlatter, Gabriela da Silva Bulla e Everton Vargas da Costa, centra-se na discussão sobre a formação e a construção de identidades de professores em um ambiente que oportunize a escuta, o diálogo e a reflexão. As ações de formação de professores de PLE/PL2 na UFRGS, de acordo com os autores, se dão por meio do programa de extensão, Programa de Português para Estrangeiros, iniciado em 1993, e, mais recentemente, por meio de duas disciplinas eletivas e de uma disciplina obrigatória que estão inseridas na grade curricular do

curso de licenciatura em Letras. Os autores consideram como eixos fundamentais na formação identitária do profissional as oportunidades de prática docente supervisionada ou compartilhada e a reflexão conjunta e continuada sobre essa prática entre pares mais e menos experientes. Além desses dois eixos, os autores ainda apontam que a formação envolve a pesquisa sobre ensino e aprendizagem e o registro escrito que sistematiza as reflexões empreendidas. Essa concepção de formação por meio de experiências colaborativas, que se destaca das demais iniciativas que compõem o livro, é ilustrada, ao final do capítulo, com um relato de planejamento colaborativo de uma aula supervisionada pela professora de estágio.

O capítulo seguinte, **Ações de política de formação de professores em PLE na Universidade Federal do Rio de Janeiro**, é de autoria de Patricia Maria Campos de Almeida, Danúsia Torres dos Santos, Andrea Lima Belfort-Duarte e Ana Catarina Moraes Ramos Nobre de Mello. Nele, as autoras marcam o início da área de PLE/PL2 na IES em 1987, por meio de um curso de formação continuada, a nível de especialização, ofertado pela Faculdade de Letras. Contudo, o capítulo é dedicado à discussão das ações atuais que o programa vem oferecendo de modo a garantir o acesso a conhecimentos teóricos e práticos de formação inicial ao graduando que deseja atuar também em contextos nos quais o português não é a língua materna dos estudantes. Considerando as transformações da sociedade e as especificidades do profissional de Letras, já em 1997, colocando-se na vanguarda, a UFRJ contratou o primeiro professor para a área e, com isso, iniciou a constituição do Setor de Português Língua Estrangeira. Dentre as várias ações vigentes, encontram-se uma disciplina obrigatória e quatorze disciplinas teóricas optativas que compõem o currículo da licenciatura em Português. Adicionado a essa formação inicial, as autoras colocam em foco o que denominam formação complementar, que tem um caráter mais prático. As autoras relatam que esse percurso formativo engloba ações de docência e de pesquisa na área de PLE/PL2 intimamente relacionadas à ação extensionista do Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros e aos programas do governo, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF). Desse modo, as autoras oferecem ao leitor uma visão ampla do que é realizado atualmente na UFRJ e concluem o capítulo declarando que as ações propostas cumprem a missão de formação na área.

No sétimo capítulo da obra, intitulado **A implementação da formação de professores de PLE na UFPR: percursos e práticas nos eixos da extensão**,

da pesquisa e do ensino, Bruna Pupatto Ruano, Francisco Javier Calvo Del Olmo e Mariza Riva de Almeida ressaltam a necessidade da reflexão crítica na formação de professores ancorada nos pilares do ensino, da pesquisa e da extensão. Ao relatar as amplas ações realizadas ao longo da história do PLE/PL2 na UFPR, os autores oferecem subsídios para que o leitor possa refletir sobre as demandas curriculares dessa área. Assim como outras iniciativas relatadas no livro, os autores apontam o início do histórico do programa ainda na década de 1980 com a oferta de cursos de português básico para estrangeiros da comunidade universitária. Ruano, Del Olmo e Almeida ressaltam que, desde essa origem, os professores envolvidos constataram a necessidade de uma formação específica para dar conta do ensino da língua portuguesa para esse público. De fato, já em 1995, o curso de Letras introduz uma disciplina obrigatória para os licenciandos em línguas estrangeiras, que, além de refletirem sobre o PLE/PL2 desde uma visão de multiculturalismo, poderiam realizar a prática docente a nível de extensão no recém instituído Centro de Línguas e Interculturalidade. Após descreverem importantes projetos realizados em nível de graduação, pós-graduação e extensão, que envolvem a comunidade acadêmica, professores da Rede Pública de Ensino Básico, migrantes e refugiados, os autores chamam atenção aos sucessivos cortes e processos burocráticos que barram a plena institucionalização da área na UFPR, que ainda não conta com professores especialistas concursados e, portanto, vive um momento de extrema fragilidade perante a complexidade das crescentes demandas.

Leandro Rodrigues Alves Diniz e Regina Lúcia Péret Dell’Isola, no capítulo **Percursos da institucionalização da área de português como língua adicional na Universidade Federal de Minas Gerais**, o oitavo da obra, buscam reconstruir uma história iniciada em 1984, quando a Faculdade de Letras começou a ofertar cursos de português para estrangeiros. Apesar de assinalarem a existência de ações voltadas ao ensino para indígenas, Diniz e Dell’Isola focam o texto para o relato das ações relacionadas aos contextos de português para estrangeiros e para surdos. Separadas nos campos da extensão, do ensino e da pesquisa, os autores detalham as inúmeras ações do programa e possibilitam ao leitor compreender suas contribuições para a área. Tais contribuições não se limitam à UFMG, com importantes avanços no processo de internacionalização e em políticas afirmativas de inclusão de grupos minoritarizados, mas também para todo o campo de estudos de PLE/PL2, com um número expressivo de pesquisas sendo realizadas desde 1999. No que diz respeito à

formação de professores, os autores apontam que, desde 2001, a IES oferece disciplina teórica em nível de pós-graduação e, desde 2003, há a oferta de disciplinas optativas em nível de graduação, havendo um professor especialista contratado especificamente para se dedicar à área.

O nono e último capítulo, **Ensino de PLE e formação de professores na Universidade Federal do Amazonas**, é de autoria de Maria Regina Marques Marinho, Valéria Moisin Araújo e Wagner Barros Teixeira. Nele, os autores apresentam ao leitor a primeira IES brasileira, fundada em 1909, situada hoje em um contexto multilinguístico complexo, com cerca de cinquenta línguas nativas indígenas e cinco línguas de imigração somadas à Língua Brasileira de Sinais e ao português. Nesse mosaico de encontros linguístico-culturais, os autores explicam que o português não é utilizado de forma homogênea pelos amazonenses, assumindo, portanto, diferentes funções sociais no estado. O texto elenca diversos programas do governo, especialmente os programas de mobilidade internacional de estudantes, que constituem as demandas de ensino de português como língua não materna à comunidade acadêmica da UFAM. Os autores ressaltam a importância da oferta optativa de uma disciplina teórica nos cursos de Letras e da opção de estágio supervisionado na área de PLE/PL2, que oportunizam aos graduandos a articulação da teoria à prática pedagógica e a reflexão sobre as diferentes funções sociais características do português na região amazônica.

Apesar de serem múltiplos os contextos apresentados nesta publicação, é possível encontrar pontos de semelhança entre os relatos. As ações parecem estar alinhadas quanto à dimensão social da linguagem, havendo uma tendência por uma formação de professores de PLE/PL2 baseada na noção de linguagem como forma de interação social que se distancia de uma concepção mais estruturalista da língua. Além disso, é recorrente a menção de a origem das iniciativas se dar por meio de programas de extensão das IES, fortemente atreladas também às ações do governo, como a aplicação do exame Celpe-Bras, o preparo e o recebimento de estudantes PEC-G e, ultimamente, ao IsF. É possível ler também, ora explicitamente, ora implicitamente, que todos os capítulos tratam sobre questões de ordem política.

Por meio do diálogo dessas vozes, vindas de todos os cantos do Brasil, fica claro ao leitor que a dicotomia “português língua materna” e “português língua não materna” não é suficiente para dar conta da complexidade dos contextos plurilíngues presentes no Brasil e que clamam por profissionais especializados, éticos e cientes das

relações de poder que estão em jogo dentro das comunidades linguísticas. Com efeito, os relatos reunidos por Scaramucci e Bizon constroem um panorama que problematiza o fato de que a inclusão de algumas disciplinas de PLE/PL2 na grade curricular dos cursos de Letras não é suficiente para formar um profissional capaz de lidar com as crescentes demandas desses novos tempos. Percebe-se que a formação do professor de PLE/PL2 desafia todos os atores envolvidos a se mobilizarem para avançarem em várias frentes, dentre elas, apoiar a internacionalização das IES, contratar professores especialistas para atuar na área, institucionalizar mais cursos de licenciaturas e valorizar o profissional graduado nessa ênfase.

Conforme a intenção das organizadoras, em seu conjunto, os nove capítulos da obra cumprem o propósito de oferecer ao leitor um retrato das ações de formação de PLE/PL2 no Brasil, tendo o mérito de reunir em um só lugar memórias importantes que permitem a superação de visões fragmentadas da área. Para além disso, as vozes que dialogam nessa obra formam o cenário de criação e desenvolvimento desse campo de conhecimento que, em poucas décadas de muito estudo e pesquisa, já respondeu a muitas questões, mas, certamente, segue com muitos obstáculos que demandam respostas. Por esse motivo, é de grande valia essa publicação e é possível pensar que, além do público-alvo apontado por Cavalcanti, a obra enseja uma interlocução oportuna com gestores e representantes dos órgãos competentes, responsáveis por políticas públicas, que, como o livro mostra, necessitam avançar. Ainda que a partir de múltiplos olhares, o leitor encontra nessa obra subsídios para identificar de onde veio, onde se encontra e quais os rumos que a área de formação de PLE/PL2 deve seguir para que as lacunas educacionais e sociais apontadas pelos autores possam ser sanadas em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Documento base do exame Celpe-Bras*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020a.

BRASIL. *Proposta curricular para o ensino de português nas unidades da rede de ensino do Itamaraty em países de língua oficial espanhola*. Brasília: FUNAG, 2020b.

SCARAMUCCI, Matilde Virginia Ricardi; BIZON, Ana Cecília Cossi (Org.). <i>Formação inicial e continuada de professores de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil</i> . Araraquara: Letraria, 2020.
